

Processos metonímicos e interpretação: uma leitura em *Olhar*, de Rubem Fonseca

Metonymy processes and interpretation: a reading in *Olhar*, by Rubem Fonseca

Jenny Miki Yoshioka*
Odair José Silva dos Santos**

RESUMO: Como matéria do pensamento e veículo de comunicação, a linguagem nos traz conceitos que, conforme Lakoff e Johnson (1980) apontam, estruturam a forma como percebemos, como transitamos no mundo, na realidade que nos cerca, e como nos relacionamos com o outro. Portanto, ao estabelecer um diálogo entre Linguística e Literatura, este artigo tem o objetivo de fazer uma análise acerca dos processos metonímicos presentes no conto, *Olhar*, de Rubem Fonseca, interpretando e realizando leituras possíveis. O trabalho partiu dos estudos de Feltes (2007), Silva (1997) e Martelotta e Palomanes (2008) referentes à Linguística Cognitiva, dando enfoque à metonímia com Lakoff e Johnson (1980) e Radden e Kövecses (1999). Como resultado, constatou-se que a forma como pensamos, as nossas experiências e vivências diárias são questões intimamente ligadas não só à metáfora, mas, especialmente, à metonímia, por se caracterizar como um processo primário que nos permite definir um elemento por sua relação com outro. Assim, visto como mais do que um simples recurso poético ou retórico, a metonímia ultrapassa a questão de linguagem para se situar no social, tornando-se um dos meios pelos quais interagimos com o outro, como percebemos o mundo e, o mais importante, o significamos.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Cognitiva. Literatura. Processos metonímicos. Rubem Fonseca.

ABSTRACT: As a matter of thought and communication vehicle, language brings us concepts that, according to Lakoff and Johnson (1980), structure the way we see the world, how we travel in it, in the reality that surrounds us, and how we relate to each other. Therefore, in establishing a dialogue between Linguistics and Literature, this article aims to do an analysis about the metonymic processes that are in the tale *Olhar* by Rubem Fonseca, interpreting and making possible readings. The work was based on studies by Feltes (2007), Silva (1997) and Martelotta and Palomanes (2008) regarding Cognitive Linguistics, focusing on metonymy with Lakoff and Johnson (1980) and Radden and Kövecses (1999). As a result, we have found that the way we think and our daily experiences are closely related issues not only to metaphor, but especially to metonymy, because it is characterized as a primary process that allows us to define an element by its relation with another. Thus, seen as more than a mere poetic or rhetorical resource, metonymy goes beyond the question of language to be situated in the social, becoming one of the means by which we interact with each other, how we perceive the world and, most importantly, the way we mean in it.

KEYWORDS: Cognitive Linguistics. Literature. Metonymic processes. Rubem Fonseca.

* Acadêmica do Curso de Letras (Português/Inglês) na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) – jeyoshioka@hotmail.com

** Doutorando em Letras pela Universidade de Caxias do Sul; Professor Assistente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) – odairzile@hotmail.com

1. Introdução

Embora sejam áreas, claramente, distintas, a Linguística e a Literatura mantêm relações muito estreitas, relações essas, por vezes, camufladas devido às diferentes perspectivas de estudo por elas empregadas. No entanto, esquece-se o fato de que ambas possuem pelo menos um aspecto em comum: a língua. O linguista José Luiz Fiorin, em *Introdução à Linguística*, já ressaltava o elo entre essas duas áreas:

De um lado, um literato não pode voltar as costas para os estudos linguísticos, porque a literatura é um fato de linguagem; de outro, não pode a linguística ignorar a literatura, porque ela é uma arte que se expressa pela palavra; é ela que trabalha a língua em todas as suas possibilidades e nela condensam-se as maneiras de ver, de pensar e de sentir de uma dada formação social numa determinada época (FIORIN, 2010, p. 7).

Houve um tempo, segundo Barthes (1968), em que, na França, a Linguística não imaginava sequer que o conteúdo apresentado pelos estudos literários pudesse fazer parte da linguagem. A literatura era tratada como se fosse uma área situada, em grande parte, fora do campo dos estudos da linguagem, isto é, pertencente ao social, histórico e estético. No entanto, esquecia-se de que a linguagem, essa organização de sons, palavras e frases, é o meio pelo qual expressamos nossas emoções, nossas ideias e propósitos, e ela se configura dessa forma sem se desvincular da realidade social, histórica e cultural de seu falante, da sua visão de mundo (PETTER, 2010, p.11). Tendo isso em mente, como é que ambas, a Linguística e a Literatura, poderiam permanecer afastadas, como se um diálogo não fosse possível?

Como matéria do pensamento e veículo de comunicação, a linguagem nos traz conceitos que, conforme Lakoff e Johnson (1980), estruturam a forma como percebemos, como transitamos no mundo, na realidade que nos cerca, e como nos relacionamos com o outro. Ora, sob a perspectiva desses estudiosos, os conceitos que governam nossos pensamentos não são meras questões do intelecto, em realidade, sua natureza é bem mais simples, pois se relacionam à forma como governamos o nosso pensamento cotidiano, até nos seus mais mínimos detalhes.

Ademais, Lakoff e Johnson (1980) evidenciam a natureza metafórica desse sistema conceitual. Seguindo esse viés, a forma como pensamos, as nossas experiências e vivências diárias são questões, intimamente, ligadas à metáfora e, também, à metonímia, se levarmos em conta que esta atua como um processo ainda mais primário que aquela. O aporte teórico desse trabalho, referente à metonímia, pautou-se em estudos desenvolvidos por Taylor (2003), Radden e Kövecses (1999), Lakoff e Johnson (1980) e Panther (2006); dentro do domínio

científico da Linguística Cognitiva, figuram Feltes (2007), Silva (1997) e Martelotta e Palomanes (2008).

Nessa perspectiva, este artigo pretende não só analisar como os processos metonímicos se configuram em textos literários, neste caso, como se revelam no conto *Olhar*, de Rubem Fonseca, mas também estabelecer uma ponte entre os estudos linguísticos e literários. Para tanto, o trabalho está dividido em quatro seções. Inicialmente, será apresentado uma breve reflexão sobre o processo de produção e recepção da obra de Rubem Fonseca; seguindo, serão apresentadas as teorias acerca da Linguística Cognitiva, dando enfoque para a metonímia conceitual; na seção posterior, a forma como esses processos metonímicos se caracterizam será analisada e, por fim, serão feitas as considerações finais.

2. Rubem Fonseca no cenário de produção e recepção literária

Responsável por inaugurar uma nova corrente, na literatura brasileira contemporânea, a qual Alfredo Bosi em 1975 caracterizou como *brutalista*, José Rubem Fonseca¹ destacou-se, profissionalmente, por seus conhecimentos sobre medicina legal e percepção apurada da *psique* humana, em suas experiências como advogado e comissário de polícia, que são retratadas em suas obras. Essas, por sua vez, têm como foco dois polos da sociedade, isto é, os que vivem à margem dela e aqueles provenientes de estratos privilegiados. Vê-se, portanto, nas obras fonsequianas, uma grande variedade de personagens, que vai de policiais e detetives até mercenários e prostitutas, por exemplo.

Como Bosi (1975) bem ponderou, a narrativa áspera e direta de Rubem Fonseca retrata, com brutalidade, a violência urbana das ruas brasileiras, o que Cardoso (2005) caracteriza como uma “espécie de guerra civil não declarada”. O autor denuncia essa realidade através de seus personagens perversos e frios, em um cenário no qual a fragilidade e o drama humano são expostos, sem reservas. Ao transitar nessa sociedade vazia de ética e moral, não nos é mais capaz caracterizá-los apenas como “vilões” ou “mocinhos”.

Além dessa violência, o que nos é trazida em diversos âmbitos, como a própria violência contra o indivíduo (CARDOSO, 2005), a obra fonsequiana é permeada por erotismo, solidão,

¹ Nascido em 11 de maio de 1925, em Juiz de Fora, Minas Gerais, reside no Rio de Janeiro, desde a infância. Graduado em Ciências Jurídicas e Sociais na Universidade do Brasil, foi comissário do 16º Distrito Policial de São Cristóvão, chegando a ministrar aulas sobre a sua área de trabalho. Trabalhou em uma empresa de distribuição de energia, antes de mergulhar, de fato, na literatura. Viúvo de Théa Maud, com a qual teve três filhos.

misérias humanas e, por vezes, a ficção mescla-se a fatos históricos, como pode ser visto em *Agosto* (1990), na qual retrata Getúlio Vargas. Referente às suas temáticas,

Os temas apontados como próprios de Rubem Fonseca apontam para o embate dos valores humanos que coexistem na grande cidade, onde a uma mitologia urbana imposta socialmente surge em contrapartida à convergência de cenas avassaladoras de sexo e violência. A perspectiva extremista indicia a desmistificação, o desmascaramento dos mitos sob os quais o homem urbano tenta sobreviver, e revela sobretudo que a tensão entre o real e o ideal se dá, no limite, através do pequeno liame que separa a vida da morte (MARETTI, 1986, p. 22 apud CARDOSO, 2005).

A temática preponderante da violência é refletida, igualmente, na linguagem utilizada pelo autor, bastante próxima da oralidade. Dessa forma, a linguagem violenta empregada pelo autor deixa claro sua função que, segundo Cardoso (2005), revela a violência de tal modo que o leitor não tenha como questioná-la.

Sua trajetória literária começou com o seu livro de contos *Os Prisioneiros*, publicado em 1963. Desde então, Rubem Fonseca conta com uma prolífica produção literária, tanto com seus contos e romances, quanto com suas adaptações e roteiros para o cinema e televisão. Entre suas várias premiações, vale ressaltar o *Prêmio Camões*, o mais importante do idioma português, recebido em 2003 e os diversos *Prêmios Jabuti* que recebeu por suas obras, ao longo dos anos.

Na próxima seção, trataremos acerca da Linguística Cognitiva, dando enfoque para a metonímia, alvo de análise na obra fonsequiana deste trabalho.

3. Linguística Cognitiva: processos metonímicos, leitura e interpretação

Para compreender a Semântica Cognitiva, teoria advinda da Linguística Cognitiva (doravante LC), faz-se necessário compreender esse domínio científico, considerando que ambas se deslocam, continuamente, em direção ao significado e às funções comunicativas (FELTES, 2007, p. 25). Assim, figurando dentro da ciência da mente e do cérebro, como Lakoff e Johnson (1999 apud FELTES, 2007, p. 26) caracterizam, isto é, a Ciência Cognitiva, a LC emergiu, impulsionada pelo interesse pelo fenômeno da significação (SILVA, 1997, p. 1), nos finais da década de 70 e início da de 80.

Pode-se, ainda, destacar que o marco desse novo ramo de ciência da linguagem foi impulsionado a partir da publicação de *Metaphors we live by*, de Lakoff e Johnson. Nessas

primeiras pesquisas afirmou-se que a linguagem é essencialmente metafórica, visto que os indivíduos fazem uso de conceitos que se tornam variáveis conforme os contextos.

Ao divergir dos paradigmas linguísticos que a antecederam (o estruturalismo e o gerativismo), a LC partia da perspectiva de que:

a linguagem é uma faceta integral da cognição que reflete a interação de fatores sociais, culturais, psicológicos, comunicacionais e funcionais e que apenas pode ser compreendida no contexto de uma visão realista da aquisição, desenvolvimento cognitivo e processamento mental (GRUYTER, DIRVEN, LANGACKER, TAYLOR, 1999 apud FELTES, 2007, p. 15).

Segundo Feltes (2007), esse confronto epistemológico ocorre devido à questão da posição e o papel da semântica no sistema da gramática (FELTES, 2007, p. 25). Na abordagem chomskyniana, a questão do sentido não influenciava os elementos da gramática, em outras palavras, “a semântica seria apenas um elemento derivado a partir de um sistema de princípios e regras gramaticais” (FELTES, 2007, p. 25). Essa perspectiva teórica motivou o surgimento da Semântica Gerativa e, posteriormente, da LC, à medida que a semântica se tornava mais central e passava a constituir o objeto de estudo sistematizado.

Silva (1997) aponta para a primazia da semântica na perspectiva cognitiva, tendo em mente que, se a função primária da linguagem é a categorização, então a significação será o fenômeno linguístico primário (SILVA, 1997, p. 5-6). Ainda segundo o pesquisador, esse aspecto possui caráter *enciclopédico*, pois ao usar a linguagem para categorizar o mundo, não dissociamos significação linguística de conhecimento de mundo; por conseguinte, não haveria como apontar o processo de significação como exclusivo da linguagem, já que há de se considerar o aspecto social envolvido e a importância do contexto no qual a construção de sentido ocorre.

Nesse sentido, Silva (1997) caracteriza a significação linguística como *perspectivante-perspectivadora*, pois os significados não são únicos e, muito menos, estáveis, dessa forma, não refletem a realidade, de forma objetiva, mas resultam de um processo complexo de interpretação e construção de estrutura no mundo.

Diante do que a Teoria Gerativa de Chomsky propunha, os cognitivistas negavam a ideia de linguagem como faculdade mental autônoma, isto é, como sistema que independe de outras faculdades mentais. Criticavam, portanto, a proposta que concebia uma separação entre conhecimento linguístico (semântico) e conhecimento extra-linguístico (enciclopédico), como

se a linguagem fosse um sistema de motivação não-semântica (SILVA, 1997, p. 2-3). Tal proposta implica a existência de um pensamento puramente linguístico, como se houvesse uma forma de abstrair a linguagem de seus eventos de uso. Muito pelo contrário, deve-se, como aponta Martelotta e Palomanes (2008), levar em consideração os “processos de pensamento subjacentes à utilização de estruturas linguísticas e sua adequação aos contextos reais nos quais essas estruturas são construídas” (MARTELOTTA; PALOMANES, 2008, p. 179).

Portanto, em contraposição à noção gerativa, deve-se atentar para o contexto, o ambiente em que estamos inseridos, não apenas no nosso funcionamento mental, pois, conforme os pressupostos da LC, existe uma “relação sistemática entre linguagem, pensamento e experiência” (MARTELOTTA; PALOMANES, 2008, p. 179).

Por fim, um aspecto pertinente da LC e, conseqüentemente, da Semântica Cognitiva é a presença das noções de *experientialismo* e de *corporeidade*, que trazem consigo a perspectiva segundo a qual não se pode desvincular mente e corpo, já que aquela depende desta para perceber o mundo, ou seja, é através da nossa experiência corporal que significamos o mundo ao nosso redor.

Dentre os temas de estudo pertinentes a esse domínio científico temos, incorporada às características estruturais da categorização linguística, a metonímia conceitual, sobre a qual daremos enfoque, nessa seção, e discorreremos a seguir.

Partindo dos conceitos dados pela Retórica Tradicional, a metonímia configura-se como uma “figura de linguagem na qual o nome de uma entidade e¹ é usado para se referir a outra entidade e², que é contígua ou que se associa a e¹” (TAYLOR, 2003, p. 124-5). Na lexicografia de Língua Portuguesa, podemos encontrar o conceito como sendo: “figura de linguagem baseada no uso de um nome no lugar de outro”². Essas definições estão relacionadas, diretamente, com a sua etimologia. Conforme aponta Massaud Moisés (2004), o termo, em grego *metonymía*, significa mudança (*meta*) de nome (*ónoma*), enquanto, em latim, remete à denominação (*denominativo*).

Quanto a essa definição, Lausberg (apud MOISÉS, 2004, p. 291) aponta essa limitação à esfera nominal como equivocada. De fato, embora a metonímia tenha, primariamente, uma função referencial, ela também serve para propiciar o entendimento (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 36). Isto é, ao invés de considerar apenas as funções estilísticas e de embelezamento

² Dicionário Online Caldas Aulete da Língua Portuguesa. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/meton%C3%ADmia>.

como recursos linguísticos, a LC troca seu foco para os papéis que a metonímia, junto à metáfora, exercem no pensamento e raciocínio humano, além de seus impactos nas estruturas da língua e de seu uso (PANTHER, 2006, p. 147).

Esse novo enfoque reforça o que Lakoff e Johnson (1980), assim como Radden e Kövecses (1999) defendem: a natureza conceitual da metonímia e da metáfora. Como um fenômeno, essencialmente conceitual, a metonímia faz parte da nossa forma cotidiana de pensar, agir e falar (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 37). Dessa forma, temos que as expressões metonímicas refletem conceitos metonímicos gerais que, por sua vez, trazem, em si, princípios cognitivos gerais (RADDEN; KÖVECSES, 1999). Logo, não se pode tratar das metonímias como casos isolados de caráter arbitrário. Na realidade, através da língua em uso, podemos ver como esses conceitos metonímicos gerais organizam nossos pensamentos e ações de forma sistemática.

Citemos o exemplo dado por Lakoff e Johnson (1980): “Ela é apenas um rosto bonito”. Aqui, teríamos o que Radden e Kövecses (1999) chamam de representação da natureza conceitual geral da metonímia. Figura-se um caso especial de metonímia, O ROSTO PELA PESSOA, ou seja, temos que o “rosto” do enunciado representa a “pessoa”, o que configura a forma como pensamos sobre as pessoas, em nosso cotidiano. Devemos considerar, nesse caso, não só a questão de língua, mas o fundo cultural. Em outras palavras, adquirimos conhecimento sobre como uma pessoa é, metonimicamente falando, através de seu rosto, fato este que tem a sua origem na tradição de retratos, presentes tanto na pintura quanto na fotografia, de nossa sociedade.

Intrínseco a esse caráter conceitual, a metonímia caracteriza-se como um processo cognitivo. Um apontamento feito por Radden e Kövecses (1999) mostra que, diferentemente do que a visão tradicional nos traz, isto é, que “X substitui Y”, a metonímia não serve apenas como um meio de substituição. Se analisarmos o enunciado trazido anteriormente, veremos que, em “Ela é só um rosto bonito”/ “Ela é só uma pessoa bonita”, esta última frase não significa que a pessoa é “toda” bonita. Como Radden e Kövecses (1999) bem ressaltam, esse enunciado apenas sugere que o mais importante é que ela tem um “rosto bonito”. Assim, teríamos, segundo esses estudiosos, dois casos metonímicos: O ROSTO PELA PESSOA e A PESSOA PELO ROSTO, complementando uma a outra.

Radden (2000) sugere que seria mais adequado representar a relação metonímica como “X mais Y”, pois se trata de um processo mental no qual se acessa uma entidade conceitual

(alvo desejado) a partir de outra (ponto referencial), partindo do “veículo” para o “alvo” (RADDE E KÖVECSES, 1999, p. 19). Não haveria, portanto, um caso de substituição apenas, mas de inter-relação para formar um novo e complexo sentido.

Presente, nesse processo cognitivo, temos a contiguidade que Lakoff e Johnson (1980) relacionam a todas as associações conceituais comumente estabelecidas com uma expressão metonímica, a partir do que denominam como “idealized cognitive models” (ICMs), que traduziremos como “modelos cognitivos idealizados”. Esse termo abarca, segundo Radden e Kövecses (1999), não só o conhecimento enciclopédico de uma pessoa sobre determinado assunto, mas também os modelos culturais que a ela estão ligados. Afinal, as metonímias conceituais estruturam como pensamos, agimos e falamos, pois estão baseadas em nossas experiências e em processos históricos, sociais e culturais.

Por meio de Lakoff e Johnson (1980), listamos alguns exemplos³ de metonímias conceituais existentes em nossa cultura:

- PARTE PELO TODO;

“Precisamos de *sangue novo* na organização”

- PRODUTOR PELO PRODUTO;

“Ele comprou um *Ford*”

- OBJETO PELO USUÁRIO;

“Os *ônibus* estão em greve”

- CONTROLADOR PELO CONTROLADO;

“*Napoleão* perdeu em Waterloo”

- INSTITUIÇÃO PELOS RESPONSÁVEIS;

“Você nunca conseguirá que a *universidade* concorde com isto”

- LUGAR PELA INSTITUIÇÃO;

“A *Casa Branca* não está se pronunciando”

- LUGAR PELO EVENTO.

“Não deixemos que a Tailândia se torne um outro *Vietnã*”

Diante de tudo o que foi apresentado acerca do processo cognitivo da metonímia, adotaremos a definição de Radden e Kövecses (1999): “Metonímia é um processo cognitivo no

³ Retirados do livro *Metáforas da vida cotidiana* (2002), de Lakoff e Johnson, com a tradução de Maria Sofia Zanotto.

qual uma entidade conceitual, o veículo, propicia acesso mental a outra entidade conceitual, o alvo, dentro de um mesmo modelo cognitivo idealizado” (RADDEN e KÖVECSES, 1999, p. 21).

Na sequência, serão abordados os aspectos referentes ao conto *Olhar*, de Rubem Fonseca, a ser analisado e como o processo metonímico se apresenta no texto.

4. As metonímias em *Olhar*: leituras possíveis

Publicado no livro *Romance Negro e outras histórias*, em 1992, o conto *Olhar*, de Rubem Fonseca, inicia com o seguinte questionamento: “Um olhar pode mudar a vida de um homem?” (FONSECA, 1992, p. 61). Em um relato sobre recentes eventos passados, o narrador rememora como teve a sua vida, terrivelmente, transformada.

A princípio vegetariano, o narrador explica como acreditava que apenas os “alimentos do espírito” (FONSECA, 1992, p. 61), isto é, músicas, livros e teatros lhe eram necessários, crença que provaria ser uma estupidez após o convite do médico, o Dr. Goldblum, homem que caracterizava como gordo e calvo.

Como escritor considerado acadêmico, o narrador apreciava apenas as obras que se assemelhavam ao seu status literário, ou seja, que o tempo consagrara como clássicas, rejeitando e desprezando, portanto, o que não se encaixava nesses padrões, como a arte contemporânea, de caráter burguês, que se destinava às classes mais baixas. Caracterizava a si mesmo como um quase misantropo, cuja solidão era preenchida pelo prazer de ler os clássicos. Revela-nos, também, o modo metódico e organizado com o qual se dedicava à escrita.

A história parte de seu relato em que, um dia, sofre um desmaio e, ao acordar mergulhado em um delírio, escreve um poema, o qual considera; quando já refeito da crise de inânia que o acometera, uma peça que o envergonhava por tamanha mediocridade e palavras grosseiras. Nesse ponto, podemos citar Borsato et al. (2007), que caracteriza a escrita do poema, *Os Trabalhadores da Morte*, como o marco de transformação do sujeito, se considerarmos que o seu modo de escrever, antes da crise de inânia, exigia rigor, preparo e organização e que, depois dela, há uma ruptura, ao partir para uma arte de estilo moderno, com uma linguagem vulgar.

Envergonhado pelo doutor ter lido o que havia escrito, o narrador aceita o convite daquele para jantar, em um restaurante com um enorme aquário de trutas azuladas. “Arte é fome” (FONSECA, 1992, p. 65), lhe dissera o doutor, frase cuja profundidade o narrador não

compreendia, até provar uma truta de olhar meigo e inteligente, sentindo grande prazer e alegria. A partir de então, ele passa a se alimentar de trutas, lagostas e lagostins, desde que pudesse presenciar os olhos desses animais.

Além de animais da água, também degusta de animais da terra, chegando a comprar um coelho angorá, cujo olhar espontâneo e cândido o encanta e que, após matá-lo e cozinhá-lo ele mesmo, propicia-lhe um prazer excelso. Ao final, o narrador deixa no ar o seu interesse em degustar cabritos de olhar meigo e perverso, além de se indagar em como seria o olhar dos seres humanos.

Partindo para o que este trabalho se propõe, analisamos os processos metonímicos presentes no conto *Olhar*, verificando como o “olhar” configura-se como uma metonímia conceitual para desejos e sentimentos. Compete-nos, então, apresentar os trechos⁴ a serem estudados:

(1a) “Subitamente percebi que uma das trutas me olhava. Nadava de maneira mais elegante do que as outras e possuía um olhar meigo e inteligente. O olhar da truta deixou-me encantado” (p.66);

(1b) “Comer aquela truta, devo admitir, foi uma experiência mais do que agradável. Eu não esperava sentir um prazer e uma alegria tão grandes, apenas por ingerir um mísero pedaço de carne de peixe” (p. 66);

(2a) “O peixe não era igual ao outro que eu degustara com tanta emoção. Não tinha cabeça, nem olhos” (p. 67);

(2b) “(...), na hora de comer, o sabor não era parecido com o da carne que provara anteriormente. Era uma carne insípida, sem caráter ou espírito, insossa, sem frescura, enfadonha, sem elã, com um sabor de coisa diluída – um calafrio varou meu corpo -, de coisa morta” (p. 67);

(3a) “Alguns tinham também lagostas e lagostins, que outrossim passei a comer, com grande prazer, conquanto esses animais tivessem olhos miúdos e opacos” (p. 68);

(3b) “Mas a força vital que se desprendia da carne sólida deles compensava a falta de um olhar sensível e inteligente. Sentia-me atraído pela robusta assimetria arcaica, pela monstruosa estrutura pré-histórica desses crustáceos” (p. 68);

(4a) “O olhar esquivo do coelho me incomodou um pouco, faltava-lhe a candura, a franqueza do olhar da truta” (p. 71);

⁴ Retirados do livro *Romance Negro e outras histórias* (1992), de Rubem Fonseca.

(4b) “Segurei o coelho pelas orelhas, com a mão esquerda. (...). Um olhar significativo e direto, afinal!” (p. 72);

(4c) “‘Obrigado, obrigado por esse olhar espontâneo e cândido!’, eu disse, (...). Li o olhar dele, um olhar de obscura curiosidade, de leve interesse, como se o que fosse acontecer não lhe importasse. Não era, pois, um olhar inquisitivo, de sondagem” (p. 72);

(5a) “Quem fora mesmo que me dissera que os cabritos tinham um olhar ao mesmo tempo meigo e perverso, uma mistura de pureza e devassidão? E o olhar dos seres humanos? Hum...” (p. 73).

Partimos aqui da questão do “olhar” e de como os “olhos”, como parte do corpo, pode representar o todo de uma pessoa e/ou ser. No caso (1a) e (1b):

(1a) “Subitamente percebi que uma das trutas me olhava. Nadava de maneira mais elegante do que as outras e possuía um olhar meigo e inteligente. O olhar da truta deixou-me encantado” (p.66);

(1b) “Comer aquela truta, devo admitir, foi uma experiência mais do que agradável. Eu não esperava sentir um prazer e uma alegria tão grandes, apenas por ingerir um mísero pedaço de carne de peixe” (p. 66).

Nesse sentido, o narrador caracteriza o olhar da truta como meigo e inteligente, o que acaba por remeter a como caracteriza a “índole” do animal em si. Só depois de observar-lhes os olhos é que se vê apto a sentir prazer ao lhe consumir. Assim como a truta, em (4a), (4b) e (4c), temos várias caracterizações atribuídas ao olhar do coelho, tendo “esquivo”, “significativo” e “cândido” entre elas. Nesse caso, apenas após estabelecer uma “reciprocidade no olhar”, no qual ocorra uma “contemplação mútua” (FONSECA, 1992, p. 70) é que o narrador mata o animal, cozinha e o come, *com prazer*:

(4a) “O olhar esquivo do coelho me incomodou um pouco, faltava-lhe a candura, a franqueza do olhar da truta” (p. 71);

(4b) “Segurei o coelho pelas orelhas, com a mão esquerda. (...). Um olhar significativo e direto, afinal!” (p. 72);

(4c) “‘Obrigado, obrigado por esse olhar espontâneo e cândido!’, eu disse, (...). Li o olhar dele, um olhar de obscura curiosidade, de leve interesse, como se o que fosse acontecer não lhe importasse. Não era, pois, um olhar inquisitivo, de sondagem” (p. 72).

Tendo em mente o que foi apresentado, o conto fONSEQUIANO aborda a noção de que o narrador, assim como em um rito antropofágico, não quer, meramente, alimentar-se, mas consumir o “espírito” do animal através do olhar, dos olhos conhecidos como as “janelas da alma”. Como o narrador explicita, não queria se tornar uma truta, “queria comer uma truta de olhar inteligente” (FONSECA, 1992, p. 67). Se retomarmos e analisarmos a frase dita, anteriormente, por Goldblum (médico e “amigo” do narrador), Borsato et al. (2007) infere as seguintes concepções: arte = fome, comer = ato criativo e vital. Logo, muito mais do que simplesmente comer, a fome torna-se o fazer poético do narrador. No entanto, tal concepção não se baseia, apenas, no ato de se alimentar, mas no ritual que se desenvolve desde o contato do narrador com o animal, o olhar que este expressa até a degustação.

Não temos, portanto, nesse caso, apenas o conceito da PARTE PELO TODO, em que o olhar, como parte, representaria a natureza dos animais, como também podemos implicar que OLHAR É PRAZER E ALEGRIA. Esse conceito deriva da ideia de que apenas através do contato com o olhar dos animais é que o narrador consegue sentir, de fato, prazer e alegria.

Para exemplificar esse ponto, destacamos o que é apresentado em (2a) e (2b), nos quais nos é relatado que, ao não presenciar o olhar da truta, o consumo foi longe de ser prazeroso, pois uma truta sem olhos era equivalente a uma carne sem caráter e, portanto, sem espírito:

(2a) “O peixe não era igual ao outro que eu degustara com tanta emoção. Não tinha cabeça, nem olhos” (p. 67);

(2b) “(...), na hora de comer, o sabor não era parecido com o da carne que provara anteriormente. Era uma carne insípida, sem caráter ou espírito, insossa, sem frescura, enfadonha, sem elã, com um sabor de coisa diluída – um calafrio varou meu corpo -, de coisa morta” (p. 67).

Considerando o primeiro contato visual com a truta e a natureza de seu olhar como padrão pelo qual compara os outros animais, em (3a) e (3b), temos que, apesar das lagostas e lagostins terem olhos que em nada se comparam ao daquela, a força vital e a aparência destes compensavam essa ausência:

(3a) “Alguns tinham também lagostas e lagostins, que outrossim passei a comer, com grande prazer, conquanto esses animais tivessem olhos miúdos e opacos” (p. 68);

(3b) “Mas a força vital que se desprendia da carne sólida deles compensava a falta de um olhar sensível e inteligente. Sentia-me atraído pela robusta assimetria arcaica,

pela monstruosa estrutura pré-histórica desses crustáceos” (p. 68).

Talvez, aqui, haja espaço para inferir outra metonímia, proveniente do mesmo conceito trazido nos trechos anteriores, em que a aparência e a estrutura dos crustáceos remetem ao seu espírito, à sua força vital. Por fim, o narrador deixa no ar o desejo bastante sugestivo de presenciar outros olhares.

5. Considerações finais

Os estudos até aqui apontam que o diálogo constante entre Linguística e Literatura foi essencial para analisar como os processos metonímicos se configuram no conto fonsequiano. Damos destaque para a importância do embasamento teórico no que concerne a Linguística Cognitiva e a metonímia para identificar os conceitos metonímicos presentes no texto literário, bem como auxiliar no processo interpretativo e incitar leituras possíveis.

Tendo em vista os conceitos metonímicos, uma compreensão maior acerca não só do que o conto apresenta foi possível, como também refletiu perspectivas e culturas construídas em uma dada época, a exemplo de como damos enfoque a certos aspectos de uma entidade, como a grande representatividade do olhar nos seres humanos e, nesse caso, nos animais. O ato de comer ganha uma nova simbologia, seja como fazer poético, seja como parte de um ritual antropofágico.

De fato, a metonímia não serve apenas como recurso referencial. Se retomarmos a sugestão de Radden (2000), temos que a sua natureza conceitual nos propicia entendimento, à medida que estruturam nossas ações, pensamentos e falas em conceitos metonímicos. Como vimos, as entidades que se inter-relacionam acabam por formar novos sentidos em um processo complexo de significação que não se desvincula da realidade social, histórica e cultural, perpassada pela própria experiência humana.

Nessa perspectiva, por meio da leitura do conto, verificamos construções metonímicas em que o *olhar* torna-se a *parte* do *todo* em um processo no qual o narrador absorve sensações por meio de uma *parte* específica do corpo (o *olhar*), de modo que se constrói o conceito de que OLHAR É PRAZER E ALEGRIA.

Portanto, mais do que um simples mecanismo de ornamentação da linguagem, a metonímia ultrapassa essa condição ao se situar no social como o instrumento, essencialmente, cognitivo em que se constitui, figurando como um dos meios pelos quais interagimos com o outro, como percebemos o mundo e, o mais importante, o significamos.

Referências Bibliográficas

BARTHES, R. Linguística e Literatura. In: BARTHES, R. et alii. **Linguística e Literatura**. Lisboa: Edições 70, 1968.

BORSATO, F. R.; PENHAFORT, R. P; RIBEIRO JUNIOR, R. T. **Aprendizes da carne: a antropofagia em *Olhar*, de Rubem Fonseca e *Hannibal*, de Ridley Scott**. Revista Literatura em Debate, 2007. Dados disponíveis em <http://revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/view/424> Acesso em 15 de novembro de 2016.

BOSI, A. Situações e formas do conto brasileiro contemporâneo. In: BOSI, A. **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Editora Cultrix, EDUSP, 1975.

CARDOSO, F. Rubem Fonseca: violento, erótico e, sobretudo, solitário. In: **Publicações de Alunos de Graduação e Pós-graduação do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp**, 2005. Dados disponíveis em <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/r00004.htm> Acesso em 16 de outubro de 2016.

FELTES, H. P. de M. **Semântica cognitiva: ilhas, pontes e teias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FIORIN, J. L. Prefácio. In: FIORIN, J. L. (org.) **Introdução à linguística**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 7-9.

FONSECA, R. Olhar. In: FONSECA, R. **Romance Negro e outras histórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 59-73.

<http://www.infoescola.com/biografias/rubem-fonseca/> Acesso em 16 de outubro de 2016.

<http://www.aulete.com.br/meton%C3%ADmia> Acesso em 24 de outubro de 2016.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. Metonymy. In: LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980, p. 35-40.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. Metonímia. In: LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Educ, 2002, p. 91-98.

MARTELOTTA, M. E.; PALOMANES, R. (2012) Linguística Cognitiva. In: MARTELOTTA, M. E. (org.) **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, p. 177-192.

MOISÉS, M.. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. ver. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004. Dados disponíveis em https://books.google.com.br/books?id=0Pn4qAZ-QyoC&printsec=frontcover&hl=pt-br&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false Acesso em 24 de outubro de 2016.

PANTHER, K.-U. Metonymy as a usage event. In: KRISTIANSEN, G. et al. (Ed.) **Cognitive linguistics: current applications and future perspectives**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006, p. 145-179.

PETTER, M. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, J. L. (org.) **Introdução à linguística**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

RADDEN, G; KÖVECSES, Z. Towards a Theory of Metonymy. In: PANTHER, K; RADDEN, G. **Metonymy in Language and Thought. Human cognitive processing**. 4° vol. John Benjamins Publishing: 1999. Dados disponíveis em https://books.google.com.br/books?id=82R4CnbaQ0kC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false Acesso em 25 de outubro de 2016.

RADDEN, G. How metonymic are metaphors? In: BARCELONA, A., ed., **Metaphor and Metonymy at the Crossroads: A Cognitive Perspective**, p. 93-108. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2000.

SILVA, A. S. da. **A Linguística Cognitiva: Uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística**. Dados disponíveis em <http://www.inf.unioeste.br/~jorge/MESTRADOS/LETRAS%20-%20MECANISMOS%20DO%20FUNCIONAMENTO%20DA%20LINGUAGEM%20-%20PROCESSAMENTO%20DA%20LINGUAGEM%20NATURAL/ARTIGOS%20INTERESSANTES/Lingu%EDstica%20Cognitiva.pdf> Acesso em 10 de janeiro de 2017.

TAYLOR, J. R. Category Extension: Metonymy and Metaphor. In: TAYLOR, J. R. **Linguistic Categorization**. 3rd. ed. New York: Oxford University Press, 2003, p. 124-132.

Artigo recebido em: 15.01.2017

Artigo aprovado em: 05.07.2017